

COMO BOLA DE NEVE

Conto

Liliana Laganà *

Era janeiro. Havia nevado e os bosques ao redor estavam lindos, com aquelas manchas de neve e um silêncio grande. Eu tinha ido dar uma volta sozinho, para me despedir das ruas da minha aldeia, das casas que conhecia uma a uma, dos cantos que tinham sido meus refúgios de menino, da Fontana Vecchia, do velho carvalho à entrada da aldeia... Caminhava assim quando vi uma garota que eu conhecia. Me aproximei para me despedir, porque eu ia partir aquele dia, disse para ela, eu ia para a América, para o Brasil. Mas ela, em lugar de apertar a mão que lhe estendia, agachou-se, pegou uma bola de neve, a jogou na minha cara com força de doer e saiu correndo sem dizer uma palavra, deixando-me ali parado, feito bobo, a mão ainda estendida e aquele gelo de neve na cara.

O rosto de meu tio Consolato se ilumina, ao contar isso.

- Acho que gostava de mim, - diz.

Não posso deixar de sorrir, eu também, ao olhar seus cabelos brancos, que ainda esboçam um topete na testa, a lembrar uma bola de neve que ficou ali, suspensa entre a raiva e o estupor.

- Era janeiro de 1922, - continua a contar meu tio - e na porta de casa havia muita gente, todos ali reunidos para se despedir. Era sempre assim, quando alguém partia, a aldeia inteira ia se despedir. E eu estava lá, entre os muitos abraços e os muitos adeuses, quando meu irmãozinho mais novo, Carmelo, que tinha uns quatro anos, veio descendo a escada me chamando "Consolà, Consolà", me chamava choroso, e parando no penúltimo degrau me estendeu os braços dizendo: "Consolà, você vai-se embora e a mim você não vai me levar?" Assim ele disse: "Consolà, você vai-se embora e a mim você não vai me levar?" - repete meu tio, estendendo os braços e falando com manhosa voz infantil, em dialeto calabrês, alongando as vogais, num tom de lamento antigo.

- Era o ano de 1922 e eu tinha dezessete anos - continua meu tio. - Naquele tempo eu trabalhava com madeira, nos bosques da Sila, na Calábria. Era tudo bosques, ao redor de Adami, a aldeia onde eu morava. Bosques de castanheiras e carvalhos. Eu cortava árvores e fazia tábuas, tudo a mão. Com serrote e plaina, tudo a mão. Eu trabalhava, ganhava meu dinheiro, ajudava a família

que era grande, uma escadinha de irmãos e irmãs depois de mim, que era o mais velho, e minha mãe grávida de novo. Na verdade, o que eu gostava mesmo era fazer sapatos. De pequeno fazia sapatinhos para as bonecas das minhas irmãs. Depois, tinha ido aprender o ofício de sapateiro em Soveria Mannelli, a cidadezinha mais próxima, onde a gente podia ir a pé. Eu não ganhava nada, mas aprendia o ofício.

Mas quando acabou a guerra em 1918 e veio a gripe espanhola, todos lá em casa pegaram a gripe, menos eu. E eu tive de cuidar de todos. Minha mãe fechou o armazém de secos e molhados e ficaram todos largados na cama. Eu ia buscar leite de cabra para eles, no caminho não resistia e bebia um bocado dele, depois passava na Fontana Vecchia e inteirava com água. Ficava com remorso por fazer isso, mas eu não me aguentava, era tão bom aquele leitinho quente! Lá em casa ninguém morreu, mas na aldeia foram muitos os mortos. Não havia dia que não morresse alguém. Uma tristeza. E quando acabou a gripe e minha mãe reabriu o armazém, muitos que haviam comprado fiado não puderam mais pagar, alguns mortos, outros sem dinheiro. Eu tive de deixar meu ofício de sapateiro, porque não ganhava nada. Tinha de trabalhar para ganhar, eu era o mais velho. Fui cortar madeira e fazer tábuas. Dos quatorze aos dezessete anos foi isso que fiz. Os outros iam ajudar na olaria da nonna, a mãe da minha mãe. Iam lá ajudar a fazer tijolos, as meninas também. Eu também tinha ido, de pequeno. Mas agora já era grande, era forte, podia cortar madeira e ganhar dinheiro. Ganhava até bem, mais que todos lá em casa, e tinha até uma namoradina, a Mariuzza...

- Mas então por que partiu, tio? - pergunto. - Por que decidiu deixar tudo e partir?

- Mas não fui eu a decidir! - responde meu tio. - Foi meu pai quem decidiu. Um belo dia ele me disse: "Vamos para o Brasil!". Ele e eu, disse. Eu já estava bastante grande, podia partir. Ele, meu pai, já tinha ido para a América do Norte, quando eu era ainda pequeno. E agora ele queria partir de novo. Não sossegava, queria partir. A maioria daquela gente lá naquela aldeia vivia desassossegada, só pensando em partir, ir para a América. E tinha acontecido que um conhecido de uma aldeia vizinha tinha

voltado do Brasil, e tinha voltado com dinheiro, tinha comprado uma casa, estava rico... Os filhos dele usavam sapatos o ano inteiro, não como nós, que usávamos só no inverno, sapatos de pregos na sola, para durarem e passarem de um irmão para outro. Eu não queria partir, mas ninguém segurou meu pai. "Desta vez vamos nós dois. Em dois sempre é melhor. A gente pode ganhar muito dinheiro os dois juntos. Fazemos logo a América e voltamos ricos e meus filhos não vão mais andar descalços por aí." - dizia.

Pára um pouco, meu tio, os olhos fechados, depois continua:

- Havia um bocado de gente na porta de casa. Era sempre assim quando alguém partia. A aldeia inteira ia se despedir. Minha mãe ao me abraçar disse apenas: "Tem cuidado, meu filho!" Só isso: "Tem cuidado, meu filho!" Naquele tempo Adami ficava isolada no meio dos montes, não havia trem nem ônibus. E para chegar até a estação, na cidade de Nicastro, era preciso caminhar dezessete quilômetros, por uma estradinha, uma trilha de mulas e cabras, que cortava caminho no meio dos bosques. Um outro rapaz da aldeia também emigrava para o Brasil, junto com a gente. Teu pai e um amigo dele, que se chamava Fortunato como ele, nos acompanharam com o burrico que meu avô emprestara, para carregar as malas. Não que fossem pesadas as malas, mas era preciso caminhar muito. E fomos caminhando pela estradinha em silêncio, encosta abaixo, os passos amortecidos na neve. Eu ia pensando nas palavras de Carmelo, no choro dele de vontade de partir, nas palavras de minha mãe, de ter cuidado, nos lugares todos que eu deixava e sentia ainda o gelo daquela bola de neve na cara... Descíamos em silêncio, nós que partíamos e eles que ficavam. E eu sabia que eles me invejavam, eles haviam dito: "Que bom para você, Consolà, que vai partir!" Eles esperavam com ânsia que a hora deles chegasse de partir também, parecia que partir estava no destino de todos, naquele lugar, e eles me invejavam porque minha hora já tinha chegado. Imagine! Eu ia para a América: tomaria um trem para Nápoles, tomaria um navio, e viajaria dias e dias atravessando o oceano e chegaria a uma terra longe, que diziam rica e generosa... E eles retomariam o caminho de volta, pela estradinha de mulas e cabras, encosta acima, com o burrico agora aliviado, e pisariam os passos pisados, na neve, em silêncio...

Eu meu tio fala da viagem de trem, do frio no trem, das paradas na noite, dos nomes que iam passando, de cidades até então apenas sonhadas. Fala de Nápoles, onde deveriam embarcar e de seu espanto ao sair da estação e ver pela primeira vez um bonde elétrico. E conta que em Nápoles afinal não puderam embarcar, e tiveram de viajar até Gênova, em outro trem cheio de frio e com tantos outros nomes de cidades que iam passando. Depois conta que afinal embarcaram num navio francês de nome Valdívia. E fala dos dias e dias a bordo do Valdívia, do frio do início da viagem no enorme compartimento onde ficavam todos juntos, amontoados como animais, todos uma miséria só. E fala do calor que veio depois do frio, passado o estreito de Gibraltar, na costa africana, em pleno oceano entre África e América. E o desconforto que ia aumentando, dia a dia, com tanta água e tanto céu, e essa terra que nunca chegava. E o medo que começava a tomar conta de muitos, de que talvez a América nem existisse, que era

apenas um sonho.

- Mas um dia afinal chegamos - diz meu tio. Era noite quando o navio atracou ao largo do Rio de Janeiro, na baía de Guanabara. Nós estávamos dormindo, mas acordamos ao som da sirene e corremos todos para o convés e ficamos todos de boca aberta diante daquela maravilha, aquelas luzes que nunca tínhamos visto tantas juntas. Ficamos todos no convés olhando pasmos, de novo crianças diante da nova terra. E o mesmo encanto experimentamos na noite daquele mesmo dia, costeando Copacabana em direção a Santos. Para mim, uma festa extra no Rio tinha sido uma dúzia de bananas que comprei por uma ninharia e que comi sozinho, uma banana atrás da outra, convencido agora de que a América existia...

Fica parado um tempo, meu tio, de novo os olhos fechados, quem sabe prolongando o gosto daquelas primeiras bananas comidas em sua vida. Depois continua:

- Mas em Santos foi diferente. Fazia um calor danado quando chegamos e o céu estava escuro, cinzento por inteiro. Tudo era escuro, o céu, a água, as casas, o cais do porto. E, lá no cais, gente parecendo triste, mal vestida e muitos até descalços. Aí eu disse para meu pai: "Mas aqui também tem miséria!" E não queria descer, queria voltar naquele mesmo navio, me deu uma vontade grande de chorar, uma saudade sem nome dos meus bosques, do meu céu... Mas desembarcamos...

Pára mais uma vez, meu tio, segue o movimento da minha caneta no papel e depois continua:

- E depois já tínhamos um contrato de trabalho: antes mesmo de descer do navio um senhor nos havia contratado para trabalhar numa fazenda de café. Era a fazenda Nova-Louzã, perto de Mogi-Mirim. Contratou nós três, meu pai, eu e o rapaz da minha aldeia. Ele só estranhou que meu pai e eu tínhamos o mesmo nome, os dois Consolato Laganà, sem nem ao menos um "filho", para distinguir um do outro. E acho que ele colocou "pai" e "filho", nas suas anotações. Mas antes de irmos para a fazenda nos levaram num trem para a Hospedaria dos Imigrantes, na Visconde de Parnaíba, onde ficamos três ou quatro dias. Era onde levavam todos os imigrantes para a triagem e de lá cada um seguia seu caminho, para alguma fazenda de café. Lá na Imigração ficamos todos amontoados num grande compartimento, como antes no navio. Ficamos lá entontecidos, sem nada saber do nosso destino, sem entender uma palavra, até que nos puseram de novo num trem até a fazenda. E lá na fazenda nos levaram logo até a direção, onde entregaram uma casa a cada família ou grupo e explicaram o serviço. Eu aos grandes proprietários estava habituado, sabia como eram os barões da minha aldeia, os donos de todas aquelas terras lá. E sabia como me devia comportar diante de um grande proprietário, diante do patrão. Isto eu tinha aprendido desde pequeno. Mas os proprietários da fazenda eu nunca vi, nem nunca soube de quem eram aquelas terras em que a gente ia trabalhar. O capataz é que lidava com a gente. Ele também era um empregado, mas dava as ordens e explicava o serviço. Ele dava um jeito de a gente entender o que falava, chamava algum italiano mais velho na fazenda, que já tinha chegado há algum tempo da Itália, fazia gestos, sei lá, mas a gente entendia... A

primeira impressão que tive da fazenda não foi boa. Que a terra era rica a gente via logo pelas plantas tão verdes e pelas árvores tão exuberantes e variadas, tão enormes... Mas lá também havia gente mal vestida, descalça, que dava vontade de sair correndo... Mas depois de uma semana mudei de idéia. Nós colonos recebíamos um salário conforme o número de pés de café que cuidávamos: mais cuidávamos, mais recebíamos. As famílias mais numerosas recebiam mais, porque podiam tratar de mais pés de café. E a gente podia plantar milho e feijão nas ruas do café. E a gente até tinha uma terra à parte, onde se podia plantar arroz, manter uma vaca, fazer uma horta. Aí eu pensei: "Se vier a família toda a gente pode viver bem." A Giovannina tinha dezesseis anos, teu pai quinze, a Franceschina nove, o Domenico e o Pasquale, sete. Todos eles já davam duro fazendo tijolos na olaria da nonna, ao trabalho estavam acostumados. E os outros logo cresceriam. E Carmelo queria tanto partir ele também... Eu nem dormia de noite pensando nisso, pensando no bom que seria de novo todos juntos. Soube de muitas histórias de italianos que haviam logo saldado suas dívidas de viagem com os fazendeiros e que haviam comprado suas próprias terras e tocavam seus próprios cafezais. E nós nem dívidas de viagem tínhamos, nós tínhamos pagado nossas próprias viagens. Mil e oitocentas liras cada um, era o que nós tínhamos pagado, isso eu lembro bem. E podíamos fazer com que eles também viessem... Eu não dormia de noite pensando nisso... Mas meu pai não quis, não teve jeito de convencê-lo. Não era isso que ele queria. Ele queria fazer a América logo, tinha pressa de fazer a América e voltar triunfante, como aquele conhecido da aldeia vizinha, que todos invejavam. Na verdade nem sei mesmo se era isso que ele queria, nunca soube. Só sei que para mim ele era um pai-patrão, que mandava e batia em mim sem razão. Na fazenda à noite íamos para uma escolinha que havia ali e assim aprendíamos o português. E também tinha uma espécie de pracinha, e a gente se reunia lá, tudo moço, ficávamos um pouco em companhia e era gostoso. A gente não fazia nada de mal, só ficava um pouco em companhia, gostoso, depois de ter dado duro o dia todo debaixo dos pés de café. Meu pai não queria que eu fosse. Dizia que era falta de respeito com ele. Mas eu gostava daquela companhia, eu ia. E aí um dia ele me deu uma surra, bateu em mim porque eu tinha faltado com o respeito por ele, - dizia - só porque tinha ido até a pracinha... E eu fugi da fazenda. Fui para Mogi-Mirim, que era a cidade mais próxima, e lá fui trabalhar numa serraria, fazia tábuas à mão. Aquele era um serviço que eu sabia fazer muito bem e o dono da serraria gostou de mim, gostou do meu trabalho. Mas não aguentei muito tempo lá, porque pensava em meu pai, pensava nele o tempo todo, pensava como devia estar preocupado comigo e então voltei. Tomei outra surra, eu quis compensar entregando para ele o dinheiro que tinha ganho e ele não quis, mas escreveu para minha mãe que tinha um filho ingrato...

Contou quase tudo de um fôlego, meu tio, mas agora pára um pouco, espera novamente que eu tome nota, e começa de novo a contar:

-Ficamos na fazenda mais uns quatro ou cinco meses. Tivemos sorte porque uma família de espanhóis foi embora e nos deixou o milho e o feijão que tinham plantado e nós vendemos o

milho e o feijão e ganhamos um bom dinheirinho. Mas meu pai quis ir embora porque ele não gostava de trabalhar a terra, de lidar com plantas, de ficar o dia inteiro debaixo dos pés de café. Quis ir para São Paulo. Na cidade, ele dizia, seria mais fácil fazer logo essa América. Mas nem em São Paulo encontrou aquilo que procurava. Aí ele soube que havia uma exposição italiana no Rio de Janeiro e embarcou para o Rio trabalhar como marceneiro naquela exposição. Ficou no Rio dois anos e depois eu soube que pegara um navio para Montevideo. Minha mãe me escreveu contando. Da Calábria fiquei sabendo que eu tinha ficado sozinho aqui no Brasil, e depois ele mesmo me escreveu...

- E você, tio? - pergunto, estarrecida ao ouvir a história deste nonno do qual só sabia o nome, Consolato. Desde pequena eu ouvia falar dele como de alguém a vagar sempre pelo mundo, pra cima e pra baixo pelo oceano entre a Europa e América, e quando um dia chegou uma carta e meu pai ficou triste porque morrera seu pai e minha mãe ordenou-me de não cantar esse dia, eu tentei sentir um pouco de tristeza, mas não consegui, e só senti raiva por não poder cantar aquele dia, só porque aquele meu nonno não estava mais vagando pelo mundo, e isto não fazia nenhuma diferença para mim, agora que estava morto. Mas agora que eu escuto esta história entendo a tristeza de meu pai, e a tristeza e a solidão de meu tio, e de todos aqueles que ele tinha deixado para vagar pelo mundo...

Eu? Que podia fazer? Fiquei sozinho aqui em São Paulo. Meu pai tinha me deixado cinco mil réis e deu para comer uma semana. E logo procurei trabalho para mim, fazia qualquer coisa que aparecesse. Comecei lixando pedras para monumentos de cemitérios. Depois fui trabalhar numa fábrica de tecidos, dos Matarazzo. Dez horas por dia e aos domingos até o meio dia... O dinheiro dava justinho para comer e pagar a pensão onde eu morava, no Brás. Mas uma noite, um cara lá da pensão fugiu levando minha malinha com todas as minhas roupas dentro. Não eram muitas, mas eram minhas roupas para ir trabalhar e eu fiquei com o trapinho com que dormia. Não podia mais nem ir trabalhar, não podia nem sair da pensão. A dona da pensão foi boa comigo e me pegou como ajudante na cozinha, assim podia comer e dormir sem pagar e não precisava de roupa para sair, e ainda ganhava umas gorjetinhas. À noite lavava meus trapinhos e de manhã colocava. Fiquei sem sair da pensão por três meses, até que pude comprar um terninho e voltar a trabalhar numa fábrica de tecidos, era outra fábrica, mas também dos Matarazzo. Naquele tempo aqui em São Paulo havia muitas fábricas de tecidos. São Paulo ainda era uma cidade pequena, mas já começava a crescer, a ter fábricas. Eu falo de 1923, 1924... Depois eu fui trabalhar naquilo que eu mais gostava, numa fábrica de sapatos. Era uma fabriqueta com poucos operários, o sapato todo feito à mão. Eu já sabia costurar sapatos, me ofereci para trabalhar e o dono pediu-me para costurar um sapato ali mesmo na frente dele e dos outros operários. E eu costurei tremendo de medo, achando que ele não ia gostar, que me mandaria embora. Mas ele gostou, disse que nunca tinha visto alguém costurar tão bem, até mostrou para os outros para verem como é que se costurava sapato e me assumiu no ato. Só que depois de uns cinco ou seis meses a fabriqueta

faliu. É que aqui em São Paulo começava a ter fábricas que usavam máquinas para costurar sapatos e os sapatos ficavam mais baratos. As fabriquetas manuais não resistiam à concorrência, iam à falência e fechavam. Mas o dono da fabriqueta em que eu trabalhava, que era filho de italianos, mas naquele tempo era quase tudo italiano aqui em São Paulo, principalmente no Brás, então, eu dizia, o dono perguntou se eu queria trabalhar com ele a portas fechadas. Fazíamos sapatos sob encomenda, e assim, a portas fechadas, não se pagavam taxas e dava para ganhar um pouco. Eu comia e dormia lá e de vez em quando ele me dava um dinheiro. Eu praticamente trabalhava em troca de comer e morar, mas em compensação aprendia o ofício. Era como nos tempos de Soveria Mannelli: quem aprende o ofício não ganha. Mas eu estava contente porque fazia o que eu mais gostava. A comida não era muita, mas quando eu tinha um tostão ia comprar uma dúzia de bananas e um pão, enchia minha barriga e ficava contente... E pensar que naquela época eu recebia cartas da Itália pedindo que eu mandasse dinheiro, cartas que só falavam de miséria, de necessidades: "Você está na América!", diziam. Mas o que eu podia mandar, nessa época?

Meu tio falou essas últimas palavras em tom aflito, revivendo a aflição de outrora. Depois recomeça a contar com seu jeito calmo, satisfeito de si:

- As fabriquetas manuais aqui em São Paulo iam à falência, uma atrás da outra. Eu mesmo, após ter aprendido bem o ofício, trabalhei em duas ou três delas, e faliram. Os negociantes sim ganhavam muito dinheiro, porque pagavam pouco pelos sapatos e revendiam nas lojas bem mais caro. E aí as fábricas com capitais e máquinas se impunham, e derrubavam as pequenas. Eram tempos de mudança aqui em São Paulo: as oficinas cediam lugar às fábricas e os artesãos aos operários. Mas eu não queria virar operário. Eu gostava de ver o sapato nascer inteiro nas minhas mãos, tomar forma, pouco a pouco, inteirinho, nas minhas mãos. Na fábrica eu ia perder isso para sempre, e eu não queria perder. Aí resolvi trabalhar por conta própria. Com um pouquinho de dinheiro que tinha guardado abri uma portinha, no Brás. Era um cantinho tão pequeno que só cabia eu e minha mesinha de trabalho e aí comecei a consertar sapatos, cobrava bem pouquinho e assim a freguesia aumentava. O aluguel não era muito caro, eu fazia tudo sozinho e assim dava para ganhar um pouco. Às vezes fazia também algum sapato novo, mas só sob encomenda. Para fazer sapatos novos eu comprava os modelos prontos e era só seguir os modelos. Depois pedi que mandassem revistas da Itália e aos poucos fui criando meus próprios modelos. Comecei a estudar noite, depois do trabalho, nas revistas e livros que eu pedia que me enviassem da Itália. Muitas vezes dormia em cima daquelas revistas. Mas percebia que cada dia minha técnica melhorava. Eu estudava o pé, sua anatomia, suas necessidades. Para cada cliente eu fazia uma forma, para que o sapato fosse confortável, feito para andar, mas também bonito, feito para enfeitar. Eu via que os sapatos anatômicos eram muito feios e as mulheres principalmente não gostavam de usar. Os meus sapatos eram anatômicos, porque obedeciam a linha do pé, mas eram bonitos, elegantes. Foi por esse motivo que minha freguesia começou a

crescer, principalmente de mulheres. Me mudei para uma rua melhor, com mais movimento, mas sempre no Brás. Minha vida começou a melhorar, comecei a mandar algum dinheiro para a mamma, lá na Calábria. E lá na pensão onde fui morar, sempre no Brás, conheci a Maria, minha portuguesa, filha da dona da pensão, e me casei. Eu tinha a mesma idade dela, vinte e um anos. E aí começamos a luta a dois, eu fazendo sapatos procurando melhorar cada vez mais a técnica, e ela de porta em porta, oferecendo sapatos e fazendo a minha propaganda. Durante anos ficamos na rua Ipanema, esquina da Almeida Lima: a sapataria na frente e a moradia nos fundos. A casa ainda está lá, a mesma de então, fui vê-la o ano passado...

Meu tio pára um pouco, prolonga a lembrança de sua companheira de tantos anos:

- A gente era jovem, - diz - a Maria e eu, não tínhamos preguiça e um bom sono bastava para espantar o cansaço. Foi com a ajuda da Maria que aos poucos meu sapato começou a ganhar espaço nessa cidade, que então ainda não era muito grande...

É com olhos brilhantes que meu tio conta essas coisas, porque sua vida se confundiu com seu trabalho, que fez dele, num certo momento da história de São Paulo, o sapateiro mais elegante, quando usar um sapato Laganà era sinônimo de bem-estar, não só do pé como social e econômico.

- Os Matarazzo, os Crespi e muitos outros se tornaram meus clientes. Mas nesta altura eu já não estava mais no Brás, me transferira para a Praça da República. Eu percebera que para me afirmar e atrair gente rica eu precisava estar num lugar mais chique, e mais central. Os clientes de luxo querem um lugar de luxo. Fui para a Praça da República, com a família toda, a Maria, eu e os filhos, que já eram quatro. Na frente tinha a loja e nos fundos a casa. Naquele tempo a Praça da República era um lugar tranquilo, a criançada podia brincar lá no meio daquelas árvores todas. Os prédios, os arranha-céus, começavam apenas a construí-los... Eu estava muito feliz esse dia por me mudar para a Praça da República, mas ao chegar com a mudança vi as manchetes de jornais com as notícias da Segunda Guerra Mundial... A Itália em guerra novamente... Fiquei estarrecido, paralisado diante daquelas manchetes... Pensei na minha mãe, nos meus irmãos, que eram quatro em idade de partir para a guerra, até o Carmelo, o menorzinho que já estava com mais de vinte anos. Senti um aperto no peito, lembrei de como eu tinha desejado trazê-los, logo que chegara à fazenda de café. Lembrava isso e sentia meu peito apertar. Maria tentava me consolar, dizia que não devia me preocupar tanto, que tudo iria bem... E aquele mesmo dia, com tudo ainda para colocar no lugar, escrevi a minha mãe, eu queria notícias, o mais depressa, notícias...

Pára mais um pouco, meu tio, vê-se a emoção que ainda sente àquelas lembranças, depois continua:

- E as notícias chegaram. Soube que todos os meus irmãos tinham partido para a guerra e que minha irmã Antonietta partira para a Austrália, onde já estava o marido. Tinha partido de Messina dias antes que começasse a guerra e minha mãe me escrevia que não tinha notícias dela, que não sabia se seu navio chegara ou não... Mais tarde veio a notícia da morte de Domenico.

Foi teu pai que me escreveu dizendo isso, lá da Albânia. Depois minha mãe também escreveu... Eu estava bem, agora, com minha loja na República, tinha colocado até um cartaz: CONSOLATO CALÇADOS. E como o Consulado Italiano naquele tempo estava também na Praça da República, toda manhã ao abrir a loja eu encontrava uma fila comprida de gente querendo documentos. E eu toda manhã a explicar que o Consulado ficava mais para lá, que ali era minha loja, que Consolato era meu nome... E a Maria que me dizia sempre: "Tira esse cartaz, que ainda vai te trazer confusão...". E um dia tive de tirar mesmo, quando botaram fogo no Consulado Italiano. Coloquei outro: LAGANÀ CALÇADOS. Ganhei muito dinheiro, durante a guerra, meus clientes eram gente rica, podiam gastar, apesar da guerra, talvez justamente por causa da guerra... Montei uma loja maior e tinha alguns operários, todos artesãos, e nunca mudei o estilo do meu sapato. Ganhei muito, mas perdi quase tudo. Dinheiro no banco eu não podia colocar, o que eu tinha já me haviam sequestrado. Imóveis eu não podia comprar... Só não me fecharam a loja porque a Maria era portuguesa... Guardava todo o dinheiro numa caixa de sapatos, e era muito dinheiro. A Maria queria comprar alguma casa em seu nome, ela podia. Mas eu não deixei. Daria para comprar umas três ou quatro casas, ou um andar inteiro daqueles prédios que estavam construindo na República. Mas eu deixei o dinheiro todo na caixa de sapatos. Quando acabasse a guerra, pensava, estaria rico, eu tinha finalmente feito a minha América, poderia voltar para a Itália, rever todo mundo. Mas aí acabou a guerra e o dinheiro virou fumaça na minha caixa de sapatos. De todo aquele dinheiro só deu para comprar uma casa no bairro da Aclimação, não longe do centro, onde continuava a ter minha loja, num andar daqueles prédios, que eu não pudera comprar, mas que podia alugar. Não deu para fazer a viagem à Itália, que eu tanto sonhara...

Eu lembro aquela vez que devia vir um tio do Brasil e depois não havia mais podido vir, porque tinha perdido quase todo o dinheiro, eu não entendia bem como, mas papai dizia que ele tinha perdido. Era o mesmo tio que nos mandava pacotes com café, vestidos e sapatos de salto alto e esquisito, que eu colocava por brincadeira, fingindo estar na América. E lembro bem aquele cheiro de café no ar, quando minha mãe o tostava, no quintal onde a gente morava, em Roma, no fim da guerra. Aquele café era um luxo para nós, o único luxo, e era porque nos vinha de tão longe, daquele Brasil onde estava meu tio que tinha perdido o dinheiro, mas que sem dúvida era bastante rico, para mandar tanto café para nós...

- Ao contrário, acabada a guerra, - continua a contar meu tio - começaram a chegar cartas desesperadas da Itália, pedindo-me ajuda. As coisas haviam piorado muito no após-guerra, e Carmelo e Pasquale estavam decididos a partir a qualquer custo. Carmelo me escrevia que não aguentava mais, falava da guerra, dos dois anos prisioneiro na Alemanha... Queria a América ele também, e a queria a qualquer custo, me pedia isso com o mesmo anseio de quando era pequeno. Eu nunca esquecera as palavras dele, sua tristeza por eu não levá-lo comigo... Eu não ficara rico, mas tinha minha loja, aos poucos me refazia do golpe recebido. E eu tinha

pelo menos uma casa, e era gostosa, a casa, tinha um quintal muito grande e um belo jardim. Tinha até árvores de fruta no quintal, feito uma pequena chácara bem ali, pertinho do centro... Você lembra daquela casa, não é? Foi para lá que vocês vieram morar quando chegaram da Itália...

- Lembro bem, sim, tio: a casa da rua Castro Alves. Lembro bem daquelas árvores de frutas de nomes e gostos tão estranhos, goiabas, jabuticabas. E lembro do nosso primeiro Natal no Brasil, pouco depois de nossa chegada, um Natal tão estranho, com todo aquele calor... - digo, e penso de novo àquele meu primeiro Natal brasileiro, ao ar livre debaixo daquelas árvores, com tanto calor, que eu me perguntava onde tinha ido parar o meu Natal de frio e castanhas assadas e nem parecia Natal, mas todos se abraçavam e diziam Bom Natal e então eu saí correndo, e fui me refugiar em algum canto para chorar o meu Natal perdido...

- Eu também no começo senti tanta falta do Natal frio da minha aldeia, com o som dos zampognari, que desciam das montanhas com suas gaitas e cornamusas e percorriam as aldeias tocando a novena do Natal... Aquele som de gaita no ar nunca esqueci. Mas aos poucos a gente acha natural que faça calor no Natal... Mas era gostosa aquela casa, com todo aquele quintal. Lembra? Até uma cancha de bochas eu tinha feito, lá no fundo, e com teu pai e o Carmelo a gente jogava, nas tardes de sábados e domingos. E mamma que nos olhava...

Há muita saudade nas palavras de meu tio, saudade dos irmãos já mortos, ele o mais velho, saudade daqueles anos na Castro Alves, daqueles poucos anos de América que juntos viveram, jogando bochas debaixo daquelas árvores de nomes tão estranhos, longe do lugar onde haviam nascido.

- Carmelo chegou em 1948, após voltar da Alemanha, onde ficara dois anos prisioneiro. Em 1949 fomos juntos visitar nosso pai em Montevideo, e Maria veio conosco, para conhecer esse sogro doido, como ela dizia... E o encontramos que morava numa casinha de zinco, com um pequeno jardim onde plantava alguma verdura, num bairro pobre de Montevideo. Morava sozinho, preparava ele mesmo sua comida e uma mulher limpava a casa e lavava e passava sua roupa. Era velho, mas ainda em boa forma, bebia todo dia seu copo de vinho, e caminhava ainda bem firme e reto, com aquele seu jeito de patrão, que tanto me assustava garoto... Fiquei contente de voltar a vê-lo, depois de tantos anos, e Carmelo também ficou contente de ver o pai que não lembrava, e Maria disse que ele poderia vir morar com a gente no Brasil, mas ele não quis, estava bem ali, disse. Depois, em 1950, reví Pasquale, quando passou por aqui a caminho de Montevideo, onde havia parentes da mulher dele... Fomos até Santos para vê-lo, Carmelo e eu, e como o navio dele ia ficar uma noite em Santos, ele veio para São Paulo, e passou uma noite em minha casa...

Escuto essas palavras e lembro tê-los visto eu também, tio Carmelo e tio Pasquale, de passagem por Roma antes de partir para a América, lembro especialmente como eram parecidos meu pai e meu tio Pasquale, os dois altos e morenos, a cabeça farta de cabelos pretos. Eu os confundia e pensava que eram gêmeos, mas depois mamãe disse que o gêmeo morrera na guerra, e que este tio vinha da Calábria e passava em nossa casa em Roma para

se despedir, porque partia para a América ele também, como Carmelo, que tinha passado antes, e tinha deixado um fuzil de brinquedo para meu irmão mais novo, e eu achava que a América era uma terra para onde iam os tios que não haviam morrido na guerra, e deixavam os fuzis porque na América eles não precisavam.

- E depois em 1951 veio minha mãe com minha irmã Marietta, - continua a contar meu tio - e eu fiquei muito feliz de rever minha mãe depois de tantos anos e de conhecer Marietta, que nascera quando meu pai e eu estávamos em viagem para a América... Marietta queria conhecer nosso pai e eu escrevi para ele insistindo para que viesse ao Brasil, e morar comigo, em São Paulo, agora que estavam também mamma e Marietta... Mas ele não quis, disse novamente que não queria mais sair de onde estava, que já estava velho, e não queria sair daquela sua casinha de zinco... Ele não veio, Marietta não foi vê-lo, depois disse que o ar daqui não lhe fazia bem, quis voltar para a Itália, e foi embora sem conhecer o pai, levando de novo mamma com ela. Depois eu soube que casara e fora embora para a Austrália, e morava perto da Antonietta...

- E nonna partiu de novo para o Brasil com a gente, em 1955... - digo.

- É isso, - responde meu tio - minha mãe voltou para o Brasil quando vieram vocês. Mas teria sido melhor se ela tivesse ficado na Calábria. Ela nunca se acostumou a esta cidade, não poderia se acostumar, com a idade que tinha, tendo vivido a vida inteira naquela aldeia... E eu entendi isso quando já era tarde demais... Teu pai não, ele queria mesmo partir. Começou a me escrever logo que acabara a guerra, dizia que tinha ficado sem trabalho, agora que não era mais carabinieri, e que estava cansado de tanta guerra, que tinha dois filhos homens e queria ir para um lugar onde não tivesse guerra...

- Eu sempre pensei que tinha sido você, tio, a insistir para que a gente viesse... - digo, pensando a quantas vezes eu tinha sentido raiva, e mesmo ódio deste meu tio, por considerá-lo a causa da dor sem remédio que eu sentira aos quinze anos, quando meu pai dissera para mim: "Vamos para o Brasil". Assim, do mesmo modo que meu avô dissera a meu tio Consolato. De improviso: "Vamos para o Brasil". E de improviso a terra longe com cheiro de café se tornava uma cruel realidade para mim, e um dor de navalha me cortava pelo meio, arrancando-me sem piedade de tantas coisas que eram parte de minha vida, a casa em Roma, a escola, meus colegas, o rapaz que era meu primeiro amor... Nunca mais férias em Fratterosa com nonna Gemma, e tantas tias e tios e primos e primas com os quais eu vivera sempre... Eu também partia como os meus tios que não haviam morrido na guerra, e eu me sentia morrer, partindo, e não queria partir, eu não...

- Eu não, - retoma meu tio - teu pai é que me pedia. Insistia para que eu o ajudasse a partir, ele e a família toda. Não queria partir sozinho ele, queria levar a família toda. Escrevia que aprendera o ofício de eletricitista, e consertava rádios e televisões, mas não havia trabalho na Itália... E como depois da guerra o Brasil havia aberto novamente a imigração subvencionada, não mais para agricultores, mas para técnicos, vocês puderam vir, e vieram todos vocês, com mamma, e depois veio também a Maria Teresa...

- Como uma bola de neve...

- É, como uma bola de neve... - repete meu tio e sorri àquela lembrança.

- Para a minha aldeia só voltei depois de quarenta e cinco anos, - continua meu tio - quando vocês já estavam aqui. Revi a Giovannina que morava em Reggio Calabria e com ela fui até Adami, onde estava Franceschina. De todos, só a Franceschina na casa da mamma em Adami. A aldeia eu lembrava bem, percorri de novo todas as ruas, revi meus cantos de garoto, a Fontana Vecchia, o velho carvalho à entrada da aldeia... Mas muitas casas estavam fechadas, muita gente havia emigrado, só uns poucos haviam ficado, só quase ninguém pelas ruas vazias... Tentei lembrar o nome da garota que me jogara a bola de neve, mas não consegui... Não soube se ela havia partido também, ou se havia morrido, ou quem sabe se era uma daquelas mulheres de preto que passavam silenciosas pelas ruas desertas... Não soube. E nunca mais vi a neve, em minha vida...

* *Liliana Laganà é Prof^a Dra. do Curso de Pós-Graduação em Geografia Humana da FFLCH/USP e mestre em Literatura Italiana.*

estudios migratorios latinoamericanos

AÑO 12 AGOSTO 1997 NUMERO 36

ARTICULOS

Educación y etnicidad en una perspectiva comparada. Los inmigrantes daneses en la pradera y en la pampa, 1860-1930.

MARIA BJERG

Dos imágenes del inmigrante árabe: Juan A. Alsina y Santiago M. Peralta.

JORGE OMAR BESTENE

El aristócrata y la inmigración. La inmigración italiana a la Argentina según el *Diario de Viaje a Europa* de Estanislao Zeballos (1903-1904)

ROGELIO C PAREDES

El baile de la Quebradita. La conformación de comunidades imaginadas entre los mexicanos en Los Angeles, California.

MARIANGELA RODRIGUEZ

Revistas de Revistas - Críticas bibliográficas

Estudios Migratorios Latinoamericanos es una revista cuatrimestral publicada por el Centro de Estudios Latinoamericanos (CEMLA). Suscripción anual (3 números): R. Argentina, \$ 33; Resto de América, U\$S 33; Europa, Asia, África y Oceanía, U\$S 36. - Recargo vía aérea, U\$S 16. Ejemplar simple: \$ 12.00. Números atrasados: \$ 15.00. Los cheques en U\$S deben ser girados sobre Nueva York.

CENTRO DE ESTUDIOS MIGRATORIOS LATINOAMERICANOS

Independencia 20 / (1099) Buenos Aires - Argentina

Fone: 344.7717/342.6749 / Fax: (0054 1)331.0832

E-mail: cemla@ciudad.com.ar / Internet: <http://www.scalabrini.org/~cemla>